

A PÁGINA

Era uma página em branco,
Em branco de papel – papel de brancos modais:
De nuvem, de neve, de lã, de espuma,
Branco de açúcar – plumas de cisnes – branco de cal.

Uma linha de escura tinta
Nasceu sobre essa página,
Uma linha de tinta amorosa,
De tinta sincera e banal.

Era uma curva indiscreta? Eram os sinais do enigma?
Simulação? Efigie?...
Quem poderia saber, sobre o papel,
Onde estava a malícia da linha
Conduzindo a tinta inocente?
E por que foi evoluindo e se aplicando numa impressão fiel,
Num acerto se afirmando na alvura, incisa, fatal?

Alvura de pão. Brancura!
Brancura de duro marfim, de velas longínquas.
Sobrevindas do sul! Brancura de leite, ç de sal?

Muitas outras brancuras:
A de dentes rilhados por ódios antigos,
A de ossadas estendidas ao sol,
A dos olhos abertos em desvairados medos,
Todas elas retidas na página, de um modo geral.

Seduzindo a brancura da tinta a linha insistia:



No verbo repetido, na palavra indistinta
Que exprime tudo, que nada exprime,
Que tudo abrange num símbolo total.

Mas no fim do seu curso recôndito, difícil,
A linha partiu-se em tantas, em muitas letras restantes;
Cada letra em seu branco,
Todos os brancos na página,
– Todos conexos, por sinal.

Mas se os brancos são ramos, as letras são folhas
De uma árvore. – A linha se integrou novamente. –
E as letras se agruparam em palavras
De articulação descontínua,
De vibração cordial.

E a tinta cordata, paciente e modesta
Correu entre margens de alvura,
Revestindo de sonho o senso real.

De repente, porém, sucedeu uma grande aspereza,
Uma aridez profunda, morna sucção, vácuo de tempo...
E o vento soprou: um vento outonal.

Dispersaram-se os brancos, levados, batidos
No vento da voz, no chão do silêncio...
E as letras caíram no branco final.

VOLUCRIS

ΦΕΡΕΝΙΚΟΣ

दधिक्रा